



SEÇÃO TEMÁTICA

## O corpo na bruxaria moderna: Um olhar sobre as obras oitocentistas de Michelet e Leland

### *The body in modern witchcraft: A look at the 19th century works of Michelet and Leland*

Stanley Araujo Barbosa\*

**Resumo:** Este trabalho tem como foco fazer uma análise da nudez ritual dentro da prática da bruxaria moderna, em especial da wicca, uma vez que as obras literárias de Jules Michelet e Charles Leland fazem referências a tais práticas. A justificativa para essa tarefa é que encontramos muito pontualmente obras desde a década de 1990 que tratam deste tema tão polêmico, ou pelo menos, pouco retratam. Inclusive, trabalharemos com duas obras de insiders da bruxaria moderna para tentar justificar esse ponto, como as obras do casal Farrar publicadas em meados da década de 1980 do século passado. A metodologia empregada neste estudo é uma análise do corpo documental êmico para se entender esses discursos religiosos sobre o corpo cruzando com as obras “originárias” de Michelet e Leland. Sobre o estado da arte, não encontramos para este estudo trabalhos que tratam desta temática nos últimos cinco anos, sendo, portanto, esta a nossa premissa para este trabalho. As análises encontradas neste trabalho são: a nudez ritual como prática na bruxaria moderna é um aspecto importante e controverso dentro da estrutura social atual; O “vestir-se de céu” está nu ritualisticamente e também implica aceitação do corpo em sua forma mais natural e pura; para muitos praticantes, a nudez é uma forma de celebrar a beleza e, ao mesmo tempo, a sacralidade dos corpos, sem os acessórios e as bandeiras que marcam o sujeito extrassocial.

**Palavras-chave:** Bruxaria moderna. Corpo. Nudez.

**Abstract:** This paper analyzes ritual nudity within modern witchcraft, particularly Wicca, referencing the literary works of Jules Michelet and Charles Leland, who discuss such practices. The study addresses a gap in the literature, as few works since the 1990s have explored this controversial topic in depth. To support this analysis, the paper draws on two insider perspectives from modern witchcraft, including works by Farrar published in the mid-1980s. The methodology involves an emic analysis of documentary sources, cross-referencing religious discourses on the body with the foundational works of Michelet and Leland. A review of the State of the Art reveals no significant studies on this subject in the last five years, underscoring the relevance of this research. Key findings include: (1) ritual nudity in modern witchcraft represents an important yet contentious aspect of contemporary social structures; (2) the practice of “skyclad” ritual nudity signifies an acceptance of the body in its natural and pure form; and (3) for many practitioners, nudity serves as a celebration of bodily beauty and sacredness, free from societal markers and accessories.

**Keywords:** Modern witchcraft. Body. Nudity.

---

\* Contato: [stanleyrudielly@gmail.com](mailto:stanleyrudielly@gmail.com) – ORCID: 0009-0005-4101-3005. Mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP).

## Introdução

O corpo foi esquecido pela história e pelos historiadores. Ora, ele foi e continua sendo o autor de um drama. Segundo as palavras do historiador da corrente dos Annales<sup>1</sup> Marc Bloch, o corpo tem uma história. A concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram e sofrem mudanças em todas as sociedades históricas (Poter, 2011, p. 307).

Nas palavras do historiador da escola dos Annales, o século XX inaugurou diferentes formas de imaginar o corpo. Somos herdeiros de um novo tempo, em que o corpo é entendido em novas dimensões estabelecendo diferentes olhares que podem ser dispensados sobre ele seja nas artes, na mídia, na ciência médica ou na religião.

Visto isso, o corpo como objeto de estudo tem a proposta de enriquecer, complementar as lacunas de pesquisa sobre essa temática, valendo-se muitas vezes da história, da antropologia e das ciências sociais. Nos estudos de ciência da religião, o corpo vem sendo de grandes debates de discussão na chamada religião material, na qual não só ganha fomentação empírica de pesquisas, como também é protagonista dentro desta disciplina assim como outros recortes de objetos. Desse modo, a religião material pensa as relações corpóreo-materiais religiosas como produtoras de significado.

De acordo com o Peter Brown (1990) estudando o contexto social e religioso preciso, para os modernos quaisquer crenças religiosas, os temas do corpo, passam a carregar em si algumas implicações gélidas. O próprio fato de a Europa e a América modernas terem nascido do mundo cristão que substituiu o mundo romano na Idade Média, garantiu que, ainda hoje, essas noções continuassem a importunar como presenças pálidas e ameaçadoras.

É impossível falar do corpo sem mencionar o período denominado de Idade Média. A relação do corpo com esse período é fundamental para compreendermos a nossa modernidade. Iniciaremos este estudo através dessa temática atentando-nos às literaturas folcloristas de Michelet e Leland, publicadas originalmente em 1862 e 1899, respectivamente. Entendendo a obra desses dois autores como fontes literárias, portanto, fontes primárias de escritos com categoria êmica partindo de suas análises e contextos do modernismo europeu do século XIX e a relação dessas duas obras de *insiders* da chamada bruxaria moderna, muitas vezes definida, neste trabalho, como wicca tradicional.

A primeira obra analisada é o clássico “A Feiticeira”, do escritor Jules Michelet, publicada em 1862 na França. Michelet escreve sobre a feiticeira que, ao despir o próprio corpo, entra em confronto político com os seus opressores, o clero, e utiliza seus artifícios mágicos para sair ilesa desse conflito de opressão por parte dos inquisidores. É claro que a discussão é em torno das inquisições que ocorreram na Europa entre os séculos XIV e XV, e o autor se debruça das fontes eclesiásticas para discorrer sobre este conflito utilizando a crônica e muitas vezes a prosa.

---

1 A história do corpo se enquadra dentro dos estudos da chamada “Escola dos Annales” proposta por Lucien Febvre (1878-1956) e, sobretudo, Marc Bloch (1886-1944), para o qual a instituição histórica se beneficia de uma verdadeira atenção e se transforma realmente em um programa de pesquisa.

A obra de Charles Leland “Aradia, O evangelho das bruxas”, publicada no final do século XIX, é fundamental para se entender o discurso êmico por trás das práticas de bruxaria na modernidade, em especial, a wicca tradicional britânica, objeto de estudo desta análise. A relação do que está escrito na obra de Leland é referenciado nos livros publicados de *insiders* da religião neopagã wicca, por exemplo dois volumes do casal Farrar na década de 1980 intitulados “Os Oito Sabbats para as Bruxas” (1983) e “*The Witches’ Way*” (1984), este último foi priorizado a versão em inglês no sentido de conservar o seu conteúdo.

Não é objetivo deste artigo fazer uma análise profunda dessas obras, mas situar um tema bastante polêmico da nudez ritual que é uma prática comum dentro dos grupos da chamada wicca tradicional britânica. Proponho, portanto, analisar o que está imbricado sobre a nudez e quais as implicações disto na contemporaneidade, tendo em vista que não encontramos tanto enfoque deste tema nas obras sobre bruxaria moderna com tanta ênfase além dos livros citados do casal Farrar, que serão utilizados no decorrer deste trabalho.

O artigo propõe dialogar com as obras mais antigas e conhecidas que se tem conhecimento sobre a nudez ritual dentro das práticas modernas de paganismo e buscar a relação dessas. No primeiro tópico, me proponho fazer uma análise mais contextualizada do período chamado de Idade Média, usando os textos de Michelet e Leland para compreender essas ligações. No segundo momento, já trazendo o tema para a nossa modernidade, o discurso êmico nas obras do casal Farrar, problematizando com referências éticas do discurso já defendido por autores dentro da academia. A metodologia emprega para este trabalho é a análise do discurso êmico desde as obras oitocentistas até as obras citadas no corpo deste texto.

## A Nudez, o corpo e a feiticeira

Michelet, em “A Feiticeira”, nos apresenta com a ideia de que “a grande revolução que as feiticeiras realizam, o maior passo às avessas contra o espírito da Idade Média, é o que se pode chamar de reabilitação do ventre e das funções digestivas” (Michelet, 1992). Michelet vê na feiticeira, portanto, uma outra Idade Média. Não aquela que em “nome de Satã perseguia a liberdade”, mas uma Idade Média em que se exhibe o corpo, tanto em seus excessos quanto em seus sofrimentos. Sobre esse ponto, o que Michelet destaca é que as três funções, nesse sentido, da feiticeira, referem-se ao corpo quando “cura, fazer amar e trazer de volta os mortos”<sup>2</sup>. A obra se mostrou fundamental para o desenvolvimento da bruxaria moderna porque é pautada, também, na compreensão da perseguição política da inquisição, e na resistência contra a tirania cultural.

Na bruxaria contemporânea o corpo é o agente de culto; é, ao mesmo tempo, o aparelho do praticante e o templo dos deuses. Nas práticas pagãs de bruxaria moderna é

---

2 Foi no século XIX, portanto, mais especificamente em 1862, que o historiador Jules Michelet, ao publicar a obra “A Feiticeira”, passou a argumentar a favor da bruxaria enquanto reminiscência de uma religião pagã de culto à fertilidade e adoração à para desafiar seus opressores inseridos no contexto da igreja católica.

comum evocar forças sob as quais serão destinados os trabalhos mágicos-rituais. O corpo é, na sua completude máxima, o fio condutor que irá manifestar as energias naquele rito. Se, em “A Feiticeira” Michelet descreve as ações da feiticeira usando o corpo como um instrumento de curar, de fazer amar e de se comunicar com os mortos, além de um ato político, nas práticas de bruxaria moderna o corpo ganha as mesmas conotações e ainda vestidos de significados próprio destas práticas. Se consideramos que a bruxaria moderna é uma releitura das práticas pagãs pré-cristãs<sup>3</sup>.

Cabe neste estudo uma discussão sobre o imaginário do corpo. Muitas de nossas mentalidades e comportamentos foram concebidos no período entendido como Idade Média. Isso é válido também para as atitudes em relação ao corpo (Stern, 2021, p. 65). É preciso lembrar que o período denominado de Idade Média não foi um período de trevas absolutas nem um período de estagnação. Mas, sim, um período de refreamento intelectual e de extremo dogmatismo religioso impostos pela igreja cristã, que ditava as regras e as normas de como polir o corpo.

Em todas as épocas, as mulheres se destacaram pelo conhecimento das propriedades curativas, venenosas, afrodisíacas ou alucinógenas das plantas. O contato com a natureza deu proficiência a essas mulheres um bom conhecimento dos segredos e sabiam combater as mais diversas doenças. Todas essas práticas milenares sempre foram conduzidas por essas mulheres que se diziam feiticeiras ou conhecedoras de magia herbal e eram, inclusive, muito requisitadas. Entretanto, se muitas se dedicavam a magia herbal, outras eram conhecidas pelo uso do que chamavam de magia negra e preparavam filtros amorosos, bebidas afrodisíacas, porções abortivas e, quando eram postas dúvidas sobre o seu caráter mágico, elas faziam bebidas com concentração de ervas alucinógenas e os convenciam de seus poderes mágicos. Além disso, fabricavam essências para perfumar o corpo – outrora condenadas pelo clero.

A linhagem da bruxaria moderna é rastreável. Provavelmente, a primeira grande influência em tempos relativamente modernos foi a de Charles Godfrey Leland (1824-1903). Leland era um personagem esplêndido, maior do que a vida, um dos grandes pioneiros do estudo do folclore. Ele nasceu na Filadélfia, mas viajou muito e se sentiu à vontade na Alemanha, na França, na Grã-Bretanha e na Itália. Ele podia se misturar com indígenas ou ciganos tão facilmente quanto com os sábios instruídos que participavam dos congressos internacionais de folclore de Paris, Londres e Roma. Sua própria vida foi uma aventura. Ele estava em Paris em 1848 e participou ativamente da revolução daquele ano, quando era um jovem estudante romântico e aventureiro na Sorbonne.

Nessa época, ele já havia encontrado seu verdadeiro negócio na vida como escritor e jornalista. O livro de versos cômicos de Leland, “*The Breitmann Ballads*” (1889), tornou-o famoso, mas ele escreveu prolificamente sobre muitos assuntos. Há cinquenta e cinco entradas na bibliografia de seus livros publicados. Os mais relevantes para o estudo da bruxaria são: “*Gypsy Sorcery and Fortune-Telling*” [Feitiçaria cigana e adivinhação] (1891), “*Etruscan-Roman Remains in Popular Tradition*” (1893), “*Legends of Florence*” (1895-6) e “*Aradia, or the Gospel of the Witches*” (1899).

---

3 A wicca e a stregoneria, especificamente, são formas de bruxaria moderna compreendidas emicamente como reconstruções de um culto pré-cristão focado na natureza manifestada em um casal de deuses supremos.

Neste artigo, nos reportaremos ao seu livro mais conhecido e objeto de análise deste estudo. Em uma passagem do folclorista norte-americano Charles G. Leland (2000), quando publicou pela primeira vez seu compendio sobre essas práticas de bruxaria no período medieval em “Aradia, evangelho das bruxas”, essas mulheres denominadas por ele de *Streghe* (singular, *Strega*) que eram remanescentes de um culto pagão praticado na região compreendida como o norte da Itália e afirmavam ser conhecedoras de práticas mágicas (Leland, 2000, p.10-14). Nesse sentido, compreendemos que desde cedo Charles Leland interessou-se pela magia e pelo ocultismo e passou parte da vida na região norte da Itália, onde teve contato com mulheres que se diziam herdeiras de um culto sobrevivente pagão que ele denominou de *Stregeria*. No seu livro, Leland destaca um verso sobre Aradia

Quando eu tiver partido desse mundo,  
Sempre que precisares de algo,  
Uma vez por mês, quando a lua estiver plena,  
Reunir-vos em algum lugar secreto,  
Ou em assembleia em um bosque  
Para adorar o poderoso espírito da sua rainha,  
Minha mãe, a Grande Diana.  
Àquela que de bom grado  
Lhes ensinou toda a magia, mas que ainda não domina  
Seus mais oriundos segredos, minha mãe irá  
Ensinar, na verdade, todas as coisas ainda desconhecidas  
E sereis liberto de toda escravidão [...] (Leland, 2000, p. 34).

Essa passagem de “Aradia, o evangelho das bruxas” fala de um culto ancestral, no qual as mulheres identificadas por ele por *stregue* eram as bruxas do passado e o local de culto das práticas pagãs eram os bosques, os lugares longe do perímetro urbano do período, longe dos olhares do clero e, portanto, da “escravidão” e “opressão” em que se encontravam.

Esse último livro foi provavelmente o mais influente e notável de todos os seus escritos. O modo como foi escrito é o seguinte, de acordo com seu próprio relato e o de sua biógrafa e sobrinha, Elizabeth Robins Pennell. Foi em 1888, quando Charles Godfrey Leland estava morando com sua esposa Isabel em Florença, que:

Ele foi iniciado na tradição das bruxas da Romagna, uma iniciação que daria frutos em toda uma série de livros... Em suas andanças por Florença, ele conheceu, por acaso, uma mulher que ele sempre chamava de Maddalena quando escrevia sobre ela, de modo que hesitei em dar seu nome verdadeiro, e Maddalena continuará sendo... Entre suas anotações manuscritas, encontro uma descrição de Maddalena como “uma jovem que teria sido tomada por cigana na Inglaterra, mas em cujo rosto, na Itália, logo aprendi a conhecer o antigo etrusco, com seus estranhos mistérios, aos quais se acrescentava o indefinível olhar da Bruxa [...]” Não reuni todos os fatos durante muito tempo, mas aos poucos descobri que ela pertencia a uma família de bruxas, ou a uma família cujos membros, desde tempos imemoriais, contavam lendas, repetiam lendas antigas, reuniam encantamentos e aprendiam a entoá-los, preparavam remédios encantados, filtrados ou feitiços. Quando menina, sua avó bruxa, sua tia e, especialmente, sua madrastra a educaram para acreditar em seu destino como feiticeira e a ensinaram nas florestas, longe dos ouvidos humanos, a entoar, em estranhos tons prescritos, encantamentos ou evocações aos antigos deuses da Itália, sob nomes pouco alterados, que agora são conhecidos como folletti, spiriti, fate ou lari – os Inres ou duendes domésticos dos antigos etruscos (Leland, 2000, p.13-14)

O relacionamento de Leland com Maddalena tem sido objeto de especulação entre escritores posteriores. Ele mesmo diz que se tornou “intimamente conhecido” dela, uma observação que levou alguns a sugerir que ela era sua amante. Um estudo de sua vida e os escritos de Maddalena mostram que ele era fascinado por tudo o que era estranho e desconhecido, por todos os caminhos da vida humana e seus habitantes, como ciganos, vadios e vagabundos de todos os tipos, e pelas lendas e crenças coloridas que valorizavam como tradição. Foi isso que o encantou em Maddalena, enquanto ela, por sua vez, ficou satisfeita por encontrar um homem instruído que não zombava de suas crenças nem tentava convertê-la à sua religião, mas que valorizava a antiga tradição como ela e queria registrá-la para que não se perdesse.

A crença básica dessa religião era que a primeira e mais poderosa divindade era feminina – a deusa Diana. Diana foi a primeira criada antes de toda a criação; nela estavam todas as coisas; de si mesma, a primeira escuridão, ela se dividiu; em escuridão e luz ela foi dividida. Lúcifer, seu irmão e filho, ela mesma e seu outro salão eram a luz. Essa pode ser considerada a frase-chave de todo o ensinamento, e os estudantes de religião comparada reconhecerão imediatamente sua grande antiguidade, muito maior do que a do cristianismo. No entanto, ela foi escrita por uma camponesa italiana semianalfabeta no final do século XIX.

A lenda continua dizendo que Diana teve uma filha com seu irmão Lúcifer<sup>4</sup>, “que havia caído”, a quem deu o nome de Aradia. Com pena dos sofrimentos dos pobres e oprimidos nas mãos de seus senhores, ela enviou Aradia à Terra para ser a primeira bruxa e ensinar bruxaria àqueles que quisessem aprender, estabelecendo assim um culto secreto em oposição ao cristianismo. Isso representa a bruxaria como a religião dos camponeses, dos pagãos ou do povo do campo, enquanto a igreja cristã daquela época estava definitivamente do lado dos senhores feudais e das classes mais altas em geral – a situação que realmente existia na Idade Média.

Aradia disse a seus seguidores que, depois que ela tivesse partido deste mundo, “uma vez por mês, quando a lua estivesse cheia”, eles deveriam realizar uma reunião secreta para adorar Diana. Nessa reunião, homens e mulheres deveriam ficar nus, “como sinal de que são verdadeiramente livres”. Eles deveriam dançar e cantar e, em seguida, apagar a luz. Esse é o encontro que ficou conhecido em outros lugares da Europa como Esbat, da antiga palavra francesa *s'esbattre*, que significa “brincar”.

Seguem-se mais lendas e magia popular, contando como fazer amuletos para dar sorte e evitar o mau olhado. O manuscrito inteiro é uma fascinante coleção de fragmentos de folclore, evidentemente de diferentes mãos, originários de várias culturas, mas todos com o mesmo tema: *la vecchia religione* (a velha religião), que evidentemente é de fato uma religião e não uma coleção de superstições.

Somente quando o século XX começou um momento em que o mundo havia presenciado as grandes e catastróficas mudanças provocadas pela Primeira Guerra Mundial, uma sociedade muito diferente daquela da época de Leland recebeu uma nova concepção

---

4 A palavra "lúcifer" significa simplesmente "portador da luz" em latim. No entanto, ela foi evidentemente confundida com a ideia cristã de Satanás, representado como um arcanjo rebelde que caiu do céu. Penso que esse conceito foi enxertado em uma história muito mais antiga.

do verdadeiro significado da bruxaria. A principal carreira da Dra. Murray era a de egiptóloga, e seu interesse pela bruxaria era realmente secundário. Por acaso, ela estava hospedada em Glastonbury quando alguém – ela nunca revelou quem – sugeriu a ela que a bruxaria era, na verdade, o que restava de uma religião pré-cristã relacionada à fertilidade. A Dra. Murray ficou intrigada com essa ideia do ponto de vista de seu outro grande interesse, a antropologia. Ela começou a examinar as evidências e, em 1927, publicou um livro que gerou muita controvérsia. Ele se chamava “*The Witch Cult in Western Europe*” (O culto bruxo na Europa Ocidental).

Em resumo, a Dra. Murray descartou todas as antigas noções que identificavam a bruxaria com o satanismo e a adoração ao demônio<sup>5</sup>. Em vez disso, ela se referiu à bruxaria como o culto diânico, ressaltando que o nome Diana foi encontrado em toda a Europa Ocidental como sendo o da divindade feminina das bruxas. Curiosamente, no entanto, ela não menciona as obras de Leland, mas vai mais além, até o decreto da igreja primitiva atribuído a um Conselho Geral de Ancyra (às vezes chamado de Canon Episcopi), que acabou se tornando parte do direito canônico da igreja. Sua data real é duvidosa, mas, por muitos anos, ele representou o ensinamento oficial da igreja sobre bruxaria. Ele parece ter sido publicado pela primeira vez por volta de 906 EC e se refere às crenças heréticas de “certas mulheres perversas” que foram iludidas por Satanás a acreditar que em certas noites elas cavalgavam pelo céu com Diana, a deusa dos pagãos, a quem elas adoravam e obedeciam como sua amante (Murray, 2011).

É nesse cenário que os principais hereges, as bruxas, foram excessivamente perseguidas. Muitos dos relatos que temos em documentos apontam para mulheres que se reuniam nos bosques a noite nuas em volta de uma fogueira prontas para o encontro sexual com o diabo. Ora, se o paganismo se caracterizou principalmente como uma ameaça do feminino ao autoritarismo eclesiástico, estas sendo conhecedoras de artifícios mágicos, sortilégio e até mesmo de cura, importa criar uma imagem da mulher como aquela responsável pelo conhecimento do mal na humanidade. Sendo assim, padres e bispos a acusavam-nas de desobedientes e adjetivações mais perigosas como sedutoras, as fingidoras e sedutoras dos homens.

A igreja, contaminada pelo horror à sexualidade, ao corpo, encarava todos os cultos e práticas pagãs como demoníacas, obra do mal, e a teologia e o direito cristão vão condená-los e combatê-los ferozmente. O paganismo fora identificado como demonolatria justamente porque a mulher foi comparada com a pecadora, à tentadora dos homens. Todo o sagrado que emanava no seio dos cultos pagãos deu lugar ao profano. A mulher nua não era só uma ameaça ao pudor da cristandade, identificada como tentadora; era comumente arbitrariamente aliá-la ao Diabo era o objetivo cristão. O combate a essas heresias foi constante, mas, para que esse objetivo fosse cumprido, algumas medidas foram tomadas.

Em meados dos séculos XIV e XV, os medos do Ocidente foram postos a nu: pestes, catástrofes naturais, doenças, a fome caucionada pela escassez na colheita e a esterilização

---

5 O deus da antiga religião se torna o demônio da nova. O demônio cristão, com seus chifres, cascos e cauda, é simplesmente outra versão do grande e antigo deus Pan, que, por sua vez, derivou de forma distante do antigo deus com chifres das cavernas pintadas (Murray, 2011, p. 29).

do solo, que eram as consequências do aumento desenfreado da população e pela falta de higienização e sanitização dos burgos em constante crescimento, as tempestades, tudo foi ligado à natureza indomável da mulher, tudo era a culpa dela. Não era a mulher que conhecia os segredos da água, da terra, não era ela que manipulava ervas que curavam e matavam? “Essa criatura que estranhamente não se sabe o que quer, sem qualquer dúvida, recebe auxílio do Diabo, uniu-se a ele para perder os homens, acabar com o mundo” (Barros, 2001, p. 349).

Foi assim, segundo Maria Nazareth de Alvim Barros (2001), que o diabo tomou conta do imaginário do mundo e elite leiga e religiosa lhe entregou o cetro e a coroa. A igreja transformou o mundo do corpo, o da mulher, como o mundo das trevas em oposição à Luz, governada por Cristo, e, desta forma, promoveu a ascensão do medo. Estava feita a ligação da nudez, do corpo e da mulher com o diabo.

Contudo, é dessa forma que a feitiçaria aparece como doença do homem, incapaz de livrar-se do desejo sexual, da atração pelo feminino, pelo desejo da carne, do corpo. Como a igreja não conseguiu monitorar “seus rebanhos”, nem pela ameaça, nem pelo medo que sofre com os efeitos do diabo, a culpa é toda da mulher. É ela a transgressora dos vícios, ela é quem trás o mal porque é filha de Eva, fonte do pecado original, único instrumento do diabo (Barros, 2001, p. 350).

Portanto, a prática de cultos pagãos e mais tarde a bruxaria passariam a ser alvos dessa dicotomia de manifestações de medo imbuídos na mulher o seu agente transgressor. Era essencialmente prioridade nesse período afastar os homens desse mal, era necessário expurgar os pecados da humanidade eliminando essas agentes do mal encarnado no seio da sociedade medieval. O golpe de mestre clerical foi apropriar-se do medo para estigmatizar a imagem feminina, conferir-lhe o corpo, este como instrumento do diabo que seduz os homens, era necessário apartá-las do convívio social.

A bruxaria, no entanto, é uma heresia específica. Enquanto as heresias religiosas se reduziavam a um engajamento, a exemplo disto a perseguição e o foco nos sarracenos, a bruxaria era vista como uma subversão, era vista como ateísmo, a superstição, a idolatria, a ruptura total com as crenças cristãs, que implicavam o status de feiticeiras do diabo, porque estabeleciam um pacto com ele, renegando a fé católica. A bruxa deveria ser punida com total severidade porque era irre recuperável e, mesmo com julgamentos eclesiais, não poderia fazer parte da sociedade. O crime de bruxaria era tão perigoso, nessa sociedade, que mesmo crianças que fossem acusadas eram passíveis de receber a última sentença dos padres, a condenação à morte.

O historiador italiano Carlo Guinzburg (2006), trazendo a história das crenças do campo das mentalidades para uma discussão constituída em uma história cultural, associou as crenças populares de longa duração no discurso oficial da igreja, produzindo o que ele denominou de “circularidade cultural”. É perceptível, no trabalho de Guinzburg, um conteúdo e reflexões metodológicas como as trocas de culturas diversas e que nos fornece sustentações sólidas, do ponto de vista metodológico, um olhar multifacetado de longa duração. Esses reflexos de longa duração que o historiador afirma são circularidades que podem ser encontradas na nossa modernidade, entendida aqui como resquícios desses processos, portanto, algo que se perpetua ainda atualmente.



## Nus em seus Ritos

As superstições e as práticas sobreviventes, apesar de não ser poucas, eram, todavia, fragmentos esparsos, dispersos em um imaginário em processo de desestruturação. As crenças dos rústicos, longe de se revelarem um paganismo, representavam muito mais uma “bricolagem” na imensa maioria dos casos. Uma vez perdido o “código interpretativo”, as comunidades tradicionais conservaram vários tipos de ritos e práticas, mas cujo significado nos revela uma interpretação “popular” do cristianismo (Nogueira, 2004, p. 107-108).

Janluis Duarte (2013) nos lembra os aspectos mais polêmicos quando se trata da nudez ritual e, principalmente, da prática de um rito sexual ou mesmo da consumação do ato sexual entre alto sacerdote e alto sacerdotisa oficiantes do rito. O primeiro desses aspectos seria uma renúncia deliberada ao princípio de separação entre corpo e espírito preconizado pelo cristianismo, o qual teria sido “responsável por identificar o corpo com o mau e o espírito com o bem, e colocá-los em guerra um com o outro”. Parafrazeando a obra do casal Farrar (1983:1984), a segunda polêmica seria que “opiniões experientes sustentam que é mais fácil elevar o poder psíquico com o corpo descoberto do que com ele coberto”. A terceira teria um fundo psicológico, uma vez que roupas seriam um fator importante na manutenção da autoimagem pela qual o praticante se apresenta ao mundo; mas, no entanto, “para ser uma bruxa competente você precisa acima de tudo ser você mesma”. Por fim, e a mais importante, a nudez apagaria todas as diferenças sociais, nivelando os participantes do rito (Duarte, 2013, p. 87-90).

É nessa concepção da nudez ritual que a bruxaria moderna, ou a wicca, especificamente, tratada como tema central deste estudo, se utiliza do corpo nu para desempenhar determinados rituais litúrgicos. A passagem mais antiga sobre a qual sem tem evidência dessas práticas vem da obra já citada de Leland, em um dos versos sobre Aradia ele continua

Deveis comparecer *desnudos* em seus ritos, tantos homens  
Quanto mulheres: isto deve perdurar até  
Que morra o último de seus opressores;  
E deveis jogar o jogo de Benevento  
Apagando as chamas, para em seguida  
Desfrutar da sua refeição da seguinte forma: [...] (Leland, 2000, p. 34 grifo nosso)

Na literatura de Leland, não trata de um rito rotulando a wicca como prática no período em que escreveu “Aradia”. Sendo a wicca uma adaptação desta, ou pelo menos parcialmente, com o texto “A Carga da Deusa”, da bruxa e pagã Doreen Valiente<sup>6</sup>. A defesa do autor é que esses versos foram disponibilizados por uma informante contemporânea a ele que praticavam em segredo a *stregha*<sup>7</sup> ou, como ele mesmo nomeou, *stregeria*

6 Doreen Edith Dominy Valiente (Mitcham, 4 de Janeiro de 1922 – Brighton, 1 de Setembro de 1999) foi e é uma das escritoras mais respeitadas e influentes da wicca ou, como se falava em sua época, *Whitchcraft*. Ela foi a criadora do texto “A Carga da Deusa”, um poema de veneração à grande deusa da natureza.

7 É uma tradição italiana, não se sabe ao certo o período de sua fundação. Segundo a literatura de seu divulgador, Charles Leland relata desde a época das perseguições inquisitoriais da baixa Idade Média, em que essa crença enfatiza à adoração da deusa em sua forma de Aradia, filha de Diana.

italiana. O ponto é que se nos finais do século XIX bruxas que se diziam descendentes de uma prática pagã pré-cristã conotam uma forma de culto muito semelhante como a que vemos atualmente dentro da chamada wicca tradicional britânica<sup>8</sup>. Então, importa dizer que talvez daí se tenha trazido a nudez ritual como ponto focal dentro dos cultos de bruxaria moderna, e a wicca é uma delas<sup>9</sup>.

A nudez ritual tem um papel importante nas práticas da wicca. A prática da nudez ritual dentro de um círculo mágico é, muitas vezes, chamada de “vestidos de céu”<sup>10</sup>. Ao ficar nus, os praticantes removem qualquer referência de posição social ou ocupação mundana e ainda têm o elemento de quebrar os tabus sociais e demonstrar confiança nos outros praticantes por meio do estado não encoberto da nudez. Essa concepção vai muito no sentido do que Janet e Stewart Farrar indicavam sobre a nudez ritual na sua obra “*The Witches’ Way*” (1984), o que confere uma de nossas hipóteses.

As razões dadas em “Aradia, o Evangelho das Bruxas” são muito diferentes daquelas dadas por Gardner em “A Bruxaria hoje”. Ele escreveu sobre o tema da nudez ritual mencionando a lógica das bruxas de que era o único modo possível para liberar o poder que residia dentro de seus corpos. Segundo Gardner, “esse poder que elas creem liberar de seus corpos seria retido pelas roupas” (D’este; Ranke, 2019, p.70). Portanto, quando o ritual da bruxaria moderna foi sistematizado por Gardner e seus seguidores imediatos, especialmente por Doreen Valiente, a ideia de um corpo nu em completude era correlato a ideia de uma religião das bruxas originalmente escrita na literatura de Leland.

Para Gardner (1954), o poder é latente ao corpo e pode ser extraído de várias formas. O poder, segundo ele, parece emanar como uma transpiração pela pele e talvez pelos orifícios do corpo desnudo, e é por isto que o corpo do praticante deve estar preparado antes do rito com unguentos ou simplesmente um banho de purificação com água e sal, o que demonstra uma preocupação de limpeza absoluta do corpo. Na prática da chamada *witchcraft*<sup>11</sup>, proposta por Gardner, todos os seus praticantes celebram seus rituais em nudez completa, pois acreditam que isso os aproxima da natureza e que seus corpos podem emanar mais poder.

Mas, se o corpo nu é algo que caracteriza a prática da bruxaria na modernidade e que vem de longa duração desde as perseguições na Idade Média, porque não percebemos isto mais incisivamente nas obras contemporâneas e mesmo nas mídias atualmente? A resposta para essa problemática é muito simples: primeiro a prática de nudez ritual gerou um tema polêmico sobre as práticas de bruxaria entre os anos 1980-90 nos Estados Unidos, quando a wicca acaba ganhando espaço tanto em livros quanto no cinema e, neste momento, as mais diversas obras, especialmente as

---

8 O termo utilizado como wicca tradicional britânica ou do Inglês *british traditional wicca*, é empregado aqui como uma tradição essencialmente britânica que remete aos princípios gardnerianos de seu fundador, Gerald Gardner. Uma vez iniciado, o indivíduo pode traçar uma linhagem até o *coven* original de Gardner.

9 A wicca é um sistema altamente estruturado, com requisitos de educação e treinamento de seus iniciados que precisam ser atendidos para o avanço do *coven* no progresso dos graus. Essa é uma tradição, portanto, iniciática, a iniciação do postulante é feita por uma pessoa do sexo oposto de grau apropriado.

10 Do inglês original *skyclad*, que, provavelmente é um termo emprestado do sânscrito *Digambar*, de uma seita jainista

11 *Whitcraft* é o termo usado por Gardner e significa bruxaria em inglês; é a prática defendida por este autor como uma religião ancestral das bruxas.

norte-americanas, passaram a ser destinadas a um público mais jovem, é nesse momento ainda, que a ideia de autoiniciação ou *self-initiation* começa a ganhar corpo dentro de tais publicações.

As alusões a ritos necessariamente praticados em nudez, e principalmente à possibilidade de atos sexuais serem integrantes das cerimônias, simplesmente quase desapareceram. Esses conceitos, além disso, não coadunavam com a ideia de rituais públicos, abertos a não iniciados, que se tornou comum, principalmente nos países de língua inglesa, no final da década de 1990. Entendemos, sobre esse fato, que a nudez ritual acaba sendo uma prática dentro dos *covens* fechados da chamada wicca tradicional britânica, que tradicionalmente realiza seus ritos despídos dentro dos seus ciclos como afirma o casal Farrar em 1983.

Sobre esse enfoque da nudez ritual, o casal Farrar destaca que em muitas religiões pagãs sinceras e honradas, por outro lado, “há uma figura genuinamente antiga: a mulher nua sobre o altar”. Doreen Valiente ressalta e prossegue nos seguintes termos: “seria mais correto dizer que a mulher nua é o altar pois este é o seu papel original” (Farrar, 1983, p.45-48). Nessa hipótese, esse corpo nu da mulher viva sobre o altar, em que as forças da vida são invocadas e veneradas, remonta à época anterior a cristandade, ao antigo culto da grande deusa da natureza, na qual todas as coisas eram uma, sob a imagem da mulher.

Portanto, o que temos de positivo em relação a esse ponto é que em relação a nudez durante os ritos, ela é efetivamente praticada (ou mesmo obrigatória) no interior dos *covens* tradicionais da wicca, especialmente os de “linhagem” de iniciações que remetem ao seu fundador Gerald Gardner. No entanto, esses *covens* não realizam rituais públicos por motivos óbvios e nem admitem em suas cerimônias pessoas que não pertençam ao grupo. Os grupos não tradicionais ou simplesmente os solitários – que são a maioria – não parecem considerar a nudez como fator preponderante em suas celebrações, embora possam praticá-la eventualmente em ocasiões privadas.

É através do entendimento da noção de corpo é que podemos compreender a lógica das práticas de nudez na bruxaria moderna. Dentro dos *covens*, o trabalho mágico é realizado pelos membros desnudos. Nessa concepção, o corpo ganha um espaço de destaque porque está em relação com a mente e o espírito, e que, em seu discurso esta relação contribui para a harmonia do próprio corpo, culminando conseqüentemente, na harmonia dos cosmos. Com as indicações que este corpo, o do praticante, adquire um espaço privilegiado dentro do rito, pois este, precisa ser purificado antes de qualquer celebração e, portanto, despido de impurezas que o delimitam.

## Conclusões

Nosso objetivo de análise é fazer uma história do corpo. Cabe a nós, pesquisadores, introduzir nesses discursos êmicos a devida dose de sangue vermelho, vida ao nosso objeto de estudo. Estudando o contexto social e religioso desses discursos, podemos restituir a essas ideias um pouco do peso humano que elas um dia tiveram, em sua época, e ressignificam historicamente. Logo, a história do corpo e o uso dele nas práticas

de bruxaria moderna conotam não só elementos que se perderam, mas continuam a significar as práticas dentro do paganismo moderno.

As experiências religiosas eventuais, bem como as do cotidiano medidas pelo corpo (sentidos) e pelos artefatos religiosos, no caso aqui o próprio corpo, levam os sujeitos religiosos a incorporar conceitos e valores que ultrapassam as barreiras do tempo. Esses conceitos são apreendidos pela prática ou ortopraxis, de modo processual, através de um longo caminho de treinamento sensorial que muda de religião para religião.

No passado, a mulher era vista como curandeira, pitonisa, sacerdotisa. Mas, com o advento do cristianismo, lhe foi delegado um papel de perseguida, de queimada e relegada a segundo plano pelo patriarcado. Na Idade Média, a mulher foi associada à luxúria e ao pecado, possivelmente fruto do temor feminino, a figura da parteira, da curandeira foi progressivamente colocada em xeque pela inquisição católica (Le Goff; Troung, 2006).

A tradição da bruxaria foi se perpetuando lenta e clandestinamente, logicamente com os problemas vindos desse imaginário. A bruxaria moderna, na Europa e América, é um fato. Não se trata de uma relíquia subterrânea cuja escala é tida pela régua do pesquisador. Mas uma prática religiosa, no sentido que confere elementos de um corpo sacerdotal de cunho excêntrico, e a prática dos rituais em nudez é um destes aspectos. É, portanto, uma prática religiosa ativa e substancial.

A partir da década de 1990, a literatura sobre wicca vai cada vez mais ocultando em suas páginas a chamada prática de nudez ritual, que como vimos nas obras de Michelet e Leland respectivamente, era uma prática real das bruxas desde a Idade Média e que é seguido, pelo menos, pelos *covens* tradicionais da chamada wicca tradicional britânica.

Dessa maneira, a ideia de nudez ritual foi progressivamente abolida dessas obras no final do século XX e início do século XXI. Isso é perfeitamente compreensível: uma religião que busca difundir-se no cenário judaico-cristão, não poderia ir de encontro, de forma tão frontal, aos conceitos morais estabelecidos. Um desses livros que ainda tratam desse tema são os textos do casal Janet & Stewart Farrar publicados em meados da década de 1980, que são referências para o entendimento da prática do corpo na bruxaria moderna, inclusive com outro tema tão igualmente polêmico que é a prática de cunho abertamente sexual entre alto sacerdote e alta sacerdotisa (Farrar, 1983).

Dessa forma, tanto a literatura de Jules Michelet em “A Feiticeira” quanto em “Aradia, O evangelho das bruxas”, de Charles Leland, são amostras apresentadas neste estudo em buscar as referências para essas práticas e percebemos, inclusive, para além de cultos, um ato político utilizando, desta forma, o corpo como um instrumento contra a chamada inquisição denominada por ambos como “opressão” ou até mesmo como “escravidão”.

O corpo sendo, portanto, permeado de imaginários dentro da sociedade contemporânea, ora causando estranheza, ora sendo glorificado dentro do culto de práticas pagãs. Nesse contexto, o corpo ganha uma conotação sacralizada, uma vez que ele reverencia o corpo feminino nu, fazendo uma alusão ao corpo da mulher, da Grande Mãe, da Deusa da Natureza, outrora objeto de culto das chamadas sociedades agrárias anteriores à cristandade ocidental.

O corpo nu é, só para concluirmos, o elemento essencial para uma prática mágico-religiosa bem sucedida dentro dos *covens* da chamada bruxaria moderna e, em especial,

os grupos da wicca tradicional. Uma de suas percussoras, Doreen Valiente, observa que, evidentemente, tais práticas foram abolidas – por motivos vários – em grupos não tradicionais no momento que a própria prática da wicca deixou de ser algo restrito aos pequenos grupos, os *covens* de pessoas, fechados e ciosos de suas práticas “secretas”, e ganhou status de religião das massas. Isto tem relação com a estética religiosa, mesmo em sujeitos que não se percebem como religiosos. Como, por exemplo, a ideia de vestir-se com decência ou as condutas sexuais apresentam relações com ontologias religiosas, mesmo que de forma distante.

É, portanto, uma ação de libertação, segundo Leland e especificamente Michelet, que ajuda a quebrar padrões de vergonha e repressão em relação ao corpo, sendo este ato uma representação de entrega aos deuses. Na nudez, somos todos iguais. Sem as bandeiras e as vestimentas que separam as classes sociais, sem os acessórios que delimitam as cores e estilos interpessoais, nus e despidos de todas as camadas sociais que os cobrem.

É importante ressaltar, também, que a nudez ritual é realizada de forma consensual dentro dos círculos de práticas, os chamados *covens*, por praticantes que partilham dos mesmos valores e intenções. Os participantes são convidados a se despir voluntariamente, sem qualquer tipo de pressão ou constrangimento. O respeito mútuo e a autenticidade são fundamentais para o contexto das práticas.

Neste ponto, só para fecharmos, a wicca é tanto uma religião quanto uma prática entendida por seus seguidores como *craft*. Aspectos que Margareth Murray (2011) definiu como “bruxaria ritual” e “bruxaria operativa”. Enquanto religião, como qualquer outra, seu propósito é colocar o indivíduo ou o grupo envolvido em harmonia com os cosmos e a manifestação deste em todos os níveis. Como ofício, seu objetivo prático é colocar mediante recursos psíquicos com finalidade boas, úteis e de cura. Daí, a prática de nudez como uma forma de liberar essa energia pelos seus praticantes e ao mesmo tempo colocá-los em um mesmo patamar, livres de máscaras ou acessórios que os identifiquem a sua autoimagem; desta forma, a nudez ritual age como um equalizador entre seus praticantes, pois todos estão livres de suas personalidades para execução do ritual.

A nudez ritual como prática na bruxaria moderna é um aspecto importante e controverso dentro da estrutura social atual. O “vestir-se de céu”, o estar nu, ritualisticamente, também implica aceitação do corpo em sua forma mais natural e pura. Para muitos praticantes, a nudez é uma forma de celebrar a beleza e, ao mesmo tempo, a sacralidade dos corpos, sem os acessórios e as bandeiras que marcam o sujeito extra-social.

## Referências

BARROS, Maria Nazareth Alvim. As Deusas, as Bruxas e a Igreja: séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001, p. 349.

BROWN, Peter. Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

DUARTE, Janluis. Reinventando Tradições: representações e identidade na bruxaria neopagã no Brasil. 239 f. Tese (doutorado em História), Departamento de História da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013, p. 87-90.

D'ESTE, Sorita. RANKINE, Paul. *Origens mágicas da Wicca: história e nascimento dos rituais da bruxaria moderna* (Tradução Flávio Lopes) São Paulo: Alfabeto, 2019.

FARRAR, Janet; FARRAR, Stewart. *Os Oito Sabbats para as Bruxas*. São Paulo: Anubis Editores LTDA, 1983.

FARRAR, Janet; FARRAR, Stewart. *O que as bruxas fazem: revelações de um coven moderno* (Tradução de Claudney Pietro). São Paulo: Ardane, 2023.

GARDNER, Gerald B. *Whitchraft Today*. Londres: Rider & Co., 1954.

GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição* (Tradução Maria Betânia Amoroso), São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média* (Tradução Marcos Famínio Peres), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LELAND, Charles G. *Aradia, o evangelho das Bruxas*. São Paulo: Outras Palavras, 2000.

MICHELET, Jules. *A Feiticeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MURRAY, Margaret. *O culto das bruxas na Europa Ocidental*. São Paulo: Madras, 2011.

NOGUEIRA, Carlos R. F. *Bruxaria e História*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 107-108.

POTER, Roy. *A História do corpo*. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 307.

STERN, Fabio L. *Aradia: a criação de um messias das bruxas na obra “o evangelho das bruxas”, de Charles G. Leland*. REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 21, n. 2, São Paulo, p. 65, 2021.

Recebido em: 17/05/2024.

Aprovado em: 10/02/2025.

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Patrícia R. Souza.